

ALFAGUARA



# John Faivre

*Pergunta ao pó*

Tradução de Rui Pires Cabral



## Prefácio

Eu era novo, passava fome, bebia e tentava ser escritor. Fazia a maior parte das minhas leituras na Biblioteca Pública de Los Angeles, no centro da cidade, mas nenhum desses livros parecia ter qualquer relação comigo, ou com as ruas, ou com as pessoas que me rodeavam. Era como se todos se entregassem a jogos de palavras, como se os escritores mais reputados pouco ou nada tivessem a dizer. A escrita deles era um misto de subtileza, técnica e forma, e era lida e ensinada e ingerida e transmitida à geração seguinte. Era um esquema confortável, uma Cultura Literária muito engenhosa e prudente. Para encontrar algum risco, alguma paixão, era necessário recuar aos escritores russos anteriores à Revolução. Havia exceções, mas eram tão raras que depressa se esgotavam, deixando-nos a olhar para estantes e mais estantes cheias de livros incrivelmente enfadonhos. Apesar de um legado de muitos séculos e de todas as suas vantagens, os autores modernos não eram, afinal, grande coisa.

Tirava das prateleiras livro atrás de livro. Porque é que ninguém dizia nada? Porque é que ninguém gritava?

Tentei outras salas da biblioteca. A secção da Religião não passava de um enorme lodaçal — na minha opinião. Tentei a Filosofia. Descobri dois ou três alemães amargos que me animaram durante algum tempo, mas foi sol

de pouca dura. Tentei a Matemática, mas a alta Matemática era para mim como uma espécie de Religião: passava-me completamente ao lado. Não encontrava em parte alguma aquilo de que *eu* precisava.

Tentei a Geologia, que de início me pareceu curiosa e por fim árida.

Descobri uns livros de Medicina Cirúrgica e gostei muito deles: as palavras eram novas e as ilustrações magníficas. Interessei-me particularmente pela operação ao mesocólon, que memorizei.

Depois fartei-me da Medicina Cirúrgica e regressiei à grande sala dos romancistas e dos contistas. (Quando tinha vinho barato à disposição, eu não ia à Biblioteca. Uma biblioteca é um belo lugar para se estar quando não temos o que comer ou beber, ou quando a senhoria anda atrás de nós para lhe pagarmos a renda em atraso. Na biblioteca, pelo menos, podíamos usar a casa de banho.) Costumava encontrar por lá muitos outros vagabundos, a maioria deles a dormir em cima dos livros.

Continuei a cirandar pela grande sala, a tirar livros das prateleiras e a desistir deles ao fim de algumas linhas ou algumas páginas.

Até que um dia, ao abrir um certo livro, encontrei o que procurava. Fiquei ali de pé, por uns momentos, a ler. Depois, como um homem que descobre uma pepita de ouro numa lixeira, levei o livro até uma das mesas. As frases corriam ligeiras pela página fora, havia como que um fluir. Cada uma delas tinha uma espécie particular de energia e era seguida por outra semelhante. Era a própria substância de cada frase que dava forma à página, como qualquer coisa que tivesse sido *esculpida* no papel. Eis ali, finalmente, um homem que não temia as emoções.

O humor e o sofrimento surgiam entrelaçados com soberba simplicidade. O começo daquele livro foi para mim um violento, um enorme milagre.

Eu tinha um cartão da biblioteca. Levei o livro para o meu quarto, estiquei-me na cama e li-o. Compreendi, muito antes de chegar ao fim, que aquele homem tinha desenvolvido uma forma de escrita singular. O livro chamava-se *Pergunta ao pó* e o seu autor, John Fante, passaria a ser uma influência constante na minha própria escrita. Depois de ter acabado de ler *Pergunta ao pó*, procurei outros livros de Fante na biblioteca. Encontrei dois: *Dago Red* e *A primavera há de chegar, Bandini*. Eram da mesma categoria, escritos com as entranhas e com o coração.

Sim, Fante teve um efeito poderoso sobre mim. Pouco depois de ter lido aqueles livros, comecei a viver com uma mulher que bebia ainda mais do que eu. Por vezes tínhamos discussões violentas, durante as quais costumava gritar-lhe: «Não me chames filho da puta! *Eu chamo-me Bandini, Arturo Bandini!*»

Fante era o meu deus e eu sabia que os deuses não devem ser incomodados, que não temos nada de lhes ir bater à porta. Ainda assim, gostava de tentar adivinhar em que parte de Angel's Flight teria ele vivido, e parecia-me possível que ainda aí vivesse. Passava por essa zona quase todos os dias e dizia para comigo: Será aquela a janela por onde Camilla se esgueirava? E será aquela a porta do hotel? Será aquele o vestíbulo? Nunca cheguei a sabê-lo.

Trinta e nove anos mais tarde, voltei a ler *Pergunta ao pó*. Ou seja, reli-o este ano e descobri que não perdeu o seu poder, como não perderam os outros livros de Fante — mas este é o meu preferido, pois foi o meu primeiro contacto com a *magia*. Fante escreveu outros livros

além de *Dago Red* e *A primavera há de chegar, Bandini*. Chamam-se *Cheio de vida* e *A confraria do vinho*. Além disso, trabalha atualmente num novo romance, *Sonhos de Bunker Hill*.

Este ano, por meio de outras circunstâncias, acabei por conhecer pessoalmente o autor. Há muito mais a dizer sobre a história de John Fante. É uma história de uma sorte cruel e de um destino terrível e de uma coragem rara e inata. Um dia há de ser contada, mas estou convencido de que ele não gostaria que eu a contasse aqui. Deixem-me dizer-vos apenas que o modo de escrever e o modo de ser de John Fante são da mesma natureza: fortes, bons, calorosos.

E isto basta. Agora este livro é vosso.

CHARLES BUKOWSKI  
5 de junho de 1979

*Para a Joyce, com amor*

## Capítulo Um

Uma noite, estava sentado na cama do meu quarto de hotel em Bunker Hill, bem no meio de Los Angeles. Era uma noite importante na minha vida, pois tinha de tomar uma decisão sobre o hotel. Ou pagava, ou saía: era o que dizia o bilhete que a proprietária tinha metido por debaixo da minha porta. Um problema bicudo, a exigir toda a atenção. Resolvi-o desligando a luz e metendo-me na cama.

De manhã, ao acordar, decidi que tinha de fazer mais exercício físico e comecei de imediato. Fiz uma série de flexões. Depois lavei os dentes, a boca soube-me a sangue, vi a escova vermelha, lembrei-me dos anúncios e decidi sair para tomar um café.

Entrei no restaurante do costume, sentei-me num banco diante do balcão comprido e pedi um café. Sabia mais ou menos a café, mas não valia um chavo. Ali sentado, fumei alguns cigarros, li os resultados dos jogos da Liga Americana, evitei escrupulosamente os resultados da Liga Nacional e notei com satisfação que Joe DiMaggio continuava a encher de orgulho o povo italiano, já que encimava a tabela dos melhores jogadores da Liga.

Um batedor de mão cheia, aquele DiMaggio. Saí do restaurante, enfrentei um lançador imaginário e acertei na bola, fazendo-a voar por cima da cerca, triunfante. Depois desci a rua em direção a Angel's Flight, perguntando-me

o que havia de fazer nesse dia. Mas não tinha nada que fazer, de modo que decidi vadiar pela cidade.

Desci Olive Street e, ao passar por um edifício amarelo e sujo, ainda húmido como um mata-borrão pelo nevoeiro da noite passada, lembrei-me dos meus amigos Ethie e Carl, que eram de Detroit e tinham vivido ali. Lembrei-me da noite em que o Carl bateu à Ethie porque ela tinha engravidado e ele não queria ter filhos. Mas tiveram o bebé e o caso ficou arrumado. E lembrei-me do apartamento deles, que cheirava a ratos e a pó, e das velhotas que se sentavam no átrio nos dias de calor e da velhota que tinha pernas bonitas. E depois havia o ascensorista, um homem aleijado de Milwaukee que parecia sorrir de desdém quando lhe dizíamos o número do andar, como se fôssemos tolos por escolher precisamente esse andar, e que tinha sempre no elevador um tabuleiro com sandes e revistas baratas.

Depois desci a colina de Olive Street, passando pelas horríveis casas de madeira que tresandavam a crimes de sangue e, mais à frente, pelo Phillarmonic Auditorium, onde estive uma vez com a Helen a ouvir o Coro dos Cossacos do Don, e aquilo chateou-me de morte e tivemos uma discussão por causa disso. Lembro-me da roupa que a Helen usava nesse dia — um vestido branco que me fazia estremecer de alegria quando roçava nele. Oh, aquela Helen — mas deixemos isso agora.

Por fim cheguei à esquina da Olive com a Fifth, onde o barulho dos grandes elétricos me moía os ouvidos e o cheiro a gasolina tornava mais tristes as palmeiras, e o pavimento negro retinha ainda a humidade da noite anterior.

Estava agora em frente ao Biltmore Hotel e caminhei ao longo da fila de táxis amarelos, com os taxistas todos a dormir lá dentro, à exceção daquele que se encontrava



estacionado mesmo em frente à porta principal. E pus-me a pensar nesses sujeitos, e nos seus recursos de informação, e lembrei-me da ocasião em que o Ross e eu conseguimos um certo endereço através de um deles, que nos atirou uma olhadela maliciosa e nos levou a Temple Street — e logo a Temple Street! —, onde arranjámos duas fulanas muito pouco atraentes, e o Ross foi até ao fim e eu fiquei na saleta a ouvir a grafonola, assustado e só.

Passi pelo porteiro do Biltmore e odiei-o instantaneamente, com os seus galões amarelos e o seu metro e oitenta e toda aquela dignidade; depois, um automóvel negro encostou ao passeio e um homem apeou-se. Tinha ar de rico; logo a seguir apeou-se uma bela mulher, embrulhada num casaco de pele de raposa prateada, e era como uma canção a atravessar o passeio e a entrar pela porta giratória, e eu pensei «oh, céus, o que eu não daria por um pouco daquilo, por um dia e uma noite daquilo», e era como um sonho quando passei por ela, espalhando o seu perfume no ar húmido da manhã.

Depois passei um ror de tempo em frente à montra de uma tabacaria e o mundo desvaneceu-se, à exceção daquela montra, e fumei os cachimbos todos, vi-me a mim próprio como um grande escritor, com um belo cachimbo de urze italiano e uma bengala, a sair de um grande carro preto, e ela também lá estava, toda orgulhosa de mim, a dama do casaco de raposa prateada. Alugávamos um quarto no hotel, tomávamos um *cocktail*, dançávamos um bocado e eu recitava-lhe uns versos em sânscrito e o mundo era maravilhoso, pois a cada passo uma beldade olhava deslumbrada para mim, o grande escritor, e eu via-me obrigado a autografar-lhe o menu, e a rapariga do casaco de raposa prateada ficava verde de ciúmes.

Los Angeles, dá-me um pouco de ti! Los Angeles, recebe-me como eu te recebo, a vaguear pelas tuas ruas, linda cidade que eu tanto quis, flor triste da areia, linda cidade.

Um dia e o dia seguinte e o dia anterior, e lá estava a biblioteca com as suas prateleiras cheias de gigantes, o velho Dreiser, o velho Mencken, toda essa rapaziada, e eu costumava visitá-los, viva Dreiser, viva Mencken, viva, viva: também há aqui um lugar para mim e começa por B, na prateleira dos bês, Arturo Bandini, abram alas para Arturo Bandini, para o livro que ele há de escrever, e eu sentava-me a uma das mesas a contemplar o espaço destinado ao meu livro, ali mesmo, ao lado de Arnold Bennett; não era lá grande coisa esse Arnold Bennett, mas eu tinha chegado para engrandecer a prateleira dos bês, eu, o velho Arturo Bandini, um dos rapazes, até que aparecia uma rapariga, e um cheiro a perfume atravessava a sala da ficção e o matraquear de uns sapatos de salto alto quebrava a monotonia da minha fama. Dia de gala, sonho de gala!

Mas a dona do hotel, a velhota de cabelo branco, não parava de meter bilhetes por debaixo da minha porta: era de Bridgeport, no Connecticut, o marido dela tinha morrido, estava sozinha no mundo e não confiava em ninguém, não se podia dar a esse luxo, como ela própria me disse, de modo que eu tinha de pagar. A minha conta ia aumentando como a dívida nacional, e eu tinha de pagar ou de largar o quarto, tinha de pagar até ao último cêntimo — cinco semanas em atraso, vinte dólares — e, se não pagasse, ela ficava-me com a bagagem; mas eu só tinha uma mala, que era de cartão e nem sequer alça tinha, pois a alça usava-a eu à cintura para segurar as calças, tarefa que não era difícil, já que das calças pouco restava.

— Acabo de receber uma carta do meu agente —  
dizia-lhe eu.

O meu agente de Nova Iorque. Diz que vendeu mais um conto; não diz a quem, diz apenas que está vendido. Por isso não se preocupe, Mrs. Hargraves, não se enerve, que hei de pagar-lhe dentro de um dia ou dois.

Mas ela não acreditava num mentiroso como eu. Na verdade, não chegava a ser uma mentira; era uma esperança e não uma mentira, ou talvez não fosse sequer uma esperança, mas um facto, e a única forma de o saber ao certo era esperar o carteiro, observá-lo com atenção, verificar o correio que ele pousava no balcão do vestíbulo, perguntar-lhe de chofre se trazia alguma coisa para Bandini. Mas, ao fim de seis meses no hotel, eu já nem tinha de lhe perguntar nada. Quando me via chegar, o carteiro dizia que sim ou que não com a cabeça antes que eu pudesse abrir a boca: não, três milhões de vezes; sim, uma única vez.

Um dia recebi uma carta maravilhosa. Sim, eu recebo imensas cartas, mas maravilhosa só mesmo aquela. Chegou no correio da manhã e o remetente dizia (a propósito de *O cãozinho riu*) que tinha lido e gostado muito de *O cãozinho riu*; Mr. Bandini, dizia ele, se existem génios no mundo, o senhor é certamente um deles. O remetente chamava-se Leonardo, era um excelente crítico italiano, embora ninguém o conhecesse como crítico, era apenas um sujeito da Virgínia Ocidental, mas era excelente e era um crítico, e depois morreu. Já estava morto quando a carta que lhe enviei por correio aéreo chegou à Virgínia Ocidental, e a irmã dele devolveu-ma. A irmã escreveu-me também uma carta maravilhosa, também ela era uma crítica de talento. Disse-me que o Leonardo tinha morrido

de tuberculose, mas que fora feliz até ao último dia, e que uma das últimas coisas que fez foi sentar-se na cama a escrever-me uma carta sobre *O cãozinho riu*: um sonho irreal, mas muito importante; Leonardo, agora morto, um santo no Paraíso, igual a qualquer um dos doze apóstolos.

Toda a gente no hotel leu *O cãozinho riu*, toda a gente; era uma história de ler e chorar por mais e nem sequer falava de um cão: uma história brilhante, pura poesia. E o grande editor, nada mais nada menos que J. C. Hackmuth, cuja assinatura lembrava a escrita chinesa, disse-me numa carta: eis uma excelente história que me orgulho de editar. A Mrs. Hargraves leu a carta e a partir de então passou a olhar-me com outros olhos. Eu pude continuar no hotel, ela não me atirou para o frio da rua (se bem que fizesse calor na maior parte dos dias), e tudo graças a *O cãozinho riu*. A Mrs. Grainger do quarto 345, uma cientista cristã (belas ancas, mas já entradota) de Battle Creek, no Michigan, sentava-se no vestíbulo à espera da morte, e *O cãozinho riu* trouxe-a de regresso à terra, e a expressão nos olhos dela fez-me perceber que a história era boa e que eu estava no caminho certo, mas tinha a esperança de que ela perguntasse pelo estado das minhas finanças e pela minha situação em geral, e depois pensei «porque não lhe peço uma nota de cinco emprestada?», mas não o fiz, virei costas e afastei-me, fazendo estalar os dedos de irritação.

O hotel chamava-se Alta Loma. Erguia-se sobre uma encosta mas virado ao contrário, lá em cima no cume de Bunker Hill, apoiado ao declive da colina, de tal forma que o andar principal ficava ao nível da rua e o décimo piso dez andares mais abaixo. Se estivéssemos no quarto 862, metíamo-nos no elevador e descíamos oito pisos,

e, se quiséssemos ir ao depósito, tínhamos de subir ao sótão, um andar acima do piso principal.

Oh, o que eu não daria por uma rapariga mexicana! Costumava pensar nela a toda a hora, na minha rapariga mexicana. Não tinha nenhuma, mas as ruas estavam cheias delas, Plaza e Chinatown fervilhavam de mexicanas, e de certo modo eram minhas, esta aqui e aquela além, e um belo dia, assim que chegasse mais um cheque, o sonho passaria a ser um facto. Entretanto, o sonho era de graça e elas eram princesas astecas e maias, as humildes raparigas do Grande Mercado Central e da Igreja da Nossa Senhora, e eu chegava a ir à missa só para as ver. Era um sacrilégio, mas sempre era melhor do que não ir à missa, e assim, quando escrevia à minha mãe no Colorado, não tinha de lhe mentir. Querida mãe: no domingo passado fui à missa. Lá em baixo, no Grande Mercado Central, eu chocava contra as princesas acidentalmente de propósito. Era uma oportunidade para falar com elas, sorriam-lhes, pedia-lhes desculpa. Aquelas lindas raparigas, tão contentes por serem tratadas com cortesia e tudo o mais, e eu só o fazia para as tocar e para levar a memória desse contacto de regresso ao meu quarto, onde o pó se acumulava sobre a máquina de escrever, e *Pedro*, o rato, enfiado no seu buraco, fitava com os olhinhos pretos esses meus momentos de sonho e devaneio.

*Pedro*, o rato, simpático mas insubmisso, que se recusava a ser tocado ou domesticado. Vi-o no primeiro dia em que entrei no quarto, nos meus tempos de glória, quando *O cãozinho riu* foi publicado na edição de agosto. Isso tinha sido cinco meses antes, no dia em que cheguei

à cidade de autocarro, vindo do Colorado, com cento e cinquenta dólares no bolso e a cabeça cheia de planos. Nesses tempos eu tinha uma filosofia. Amava a humanidade e todas as criaturas, incluindo o *Pedro*; mas o queijo saía-me caro, o *Pedro* convidou os amigos todos, o quarto encheu-se deles e tive de passar a dar-lhes pão. Os ratos não gostaram. Eu tinha-os estragado com mimos e eles puseram-se a andar, todos menos *Pedro*, o asceta, que se contentava em roer as páginas de uma velha Bíblia de Gideon.

Ah, aquele primeiro dia! A Mrs. Hargraves abriu a porta e lá estava o quarto, com um tapete vermelho no chão, gravuras do campo inglês nas paredes e um duche contíguo. O quarto ficava lá em baixo, no sexto andar, era o 678, de modo que a minha janela ficava ao nível da encosta verde e eu nem precisava de chave, pois a janela estava sempre aberta. Foi através dessa janela que vi a minha primeira palmeira, a menos de dois metros de distância, e é claro que me pus a pensar no Domingo de Ramos e no Egito e em Cleópatra, mas a palmeira tinha os ramos enegrecidos, tingidos pelo monóxido de carbono que saía do túnel de Third Street, o tronco ressequido e sufocado pelo pó e pela areia que o vento trazia dos desertos de Mojave e Santa Ana.

Querida mãe, escrevia eu, querida mãe, as coisas estão a melhorar. Um editor importante passou pela cidade, almoçámos juntos, assinei um contrato para a publicação de uma série de contos, mas não vou maçá-la com os pormenores, querida mãe, pois sei que não se interessa por literatura, e o paizinho também não, mas é na verdade um belo contrato, que infelizmente só entra em vigor daqui a uns meses. Por isso mande-me dez dólares, mãe,

mande-me cinco, querida mãe, porque o editor (eu dizia-lhe o nome dele, mas sei que não se interessa por estas coisas) está determinado a lançar-me no maior projeto que tem em mãos.

A Querida mãe e o Caro Hackmuth, o grande editor, recebiam a maior parte das minhas cartas, praticamente todas. O velho Hackmuth, de olhar sisudo e risca ao meio, o excelente Hackmuth, cuja pena era como uma espada e cujo retrato, com aquele autógrafo que lembrava caracteres chineses, adornava a parede do meu quarto. Viva, Hackmuth, dizia eu, que belas cartas as suas! Depois vieram os dias de minguia e Hackmuth começou a receber longas cartas minhas. Valha-me Deus, Mr. Hackmuth, passa-se qualquer coisa de errado comigo: o velho ímpeto desapareceu e já não consigo escrever. Acha, Mr. Hackmuth, que este clima tem alguma coisa a ver com o problema? Por favor, diga-me o que pensa. Acha, Mr. Hackmuth, que eu escrevo tão bem como William Faulkner? Por favor, diga-me o que pensa. Acha, Mr. Hackmuth, que o sexo terá alguma coisa a ver com isto, porque, Mr. Hackmuth, porque, porque, e depois contava-lhe tudo. Conte-lhe a história da rapariga loura que tinha conhecido no parque. Conte-lhe que a tinha perseguido e que ela cedera aos meus avanços. Conte-lhe a história tintim por tintim, só que não era verdade, era uma mentira maluca — mas, enfim, sempre era alguma coisa. Era escrita, era uma maneira de manter contacto com o grande homem, que nunca deixava de me responder. Ah, sim, Hackmuth era um tipo às direitas! Respondia imediatamente, um grande homem a comentar as atribulações de um homem de talento. Ninguém recebeu tantas cartas de Hackmuth como eu, costumava andar com elas nos bolsos, relia-as,

beijava-as. Postava-me diante do retrato de Hackmuth a verter lágrimas de ambos os olhos, a dizer-lhe que desta vez ele tinha escolhido um tipo talentoso, um gigante, um Bandini, Arturo Bandini, eu próprio.

Os dias estéreis da determinação. Era essa a palavra certa, determinação: Arturo Bandini sentado em frente à máquina de escrever dois dias seguidos, ininterruptamente, determinado a vingar. Mas não resultou; sofreu o mais longo cerco da mais dura e implacável determinação de toda a sua vida, e não escreveu uma única linha, mas apenas uma palavra, repetida pela página inteira, de cima a baixo, uma palavra só: palmeira, palmeira, palmeira, uma batalha mortal entre a palmeira e eu, e a palmeira ganhou: via-a lá fora, a balançar sob o ar azul, a ranger docemente sob o ar azul. Ao fim de dois dias de batalha, a palmeira levou a melhor e eu esgueirei-me pela janela e sentei-me debaixo dela. Passou algum tempo, um momento ou dois, e adormeci, com pequenas formigas castanhas a passearem-se alegremente por entre os pelos das minhas pernas.



## Capítulo Dois

Na altura eu tinha vinte anos. Costumava dizer: que diabo, nada de pressas, Bandini. Tens dez anos para escrever um livro, por isso vai com calma, sai de casa e aprende umas coisas sobre a vida, faz-te às ruas. O teu problema é esse: a tua ignorância da vida. Que diabo, homem, porque é que achas que nunca tiveste uma experiência com uma mulher? Ai isso é que tive, tive experiências à farta. Não tiveste, não senhor. Precisas de uma mulher, precisas de um banho, precisas de um bom empurrão, precisas de dinheiro. Dizem que custa um dólar, dizem que custa dois nas casas mais finas, mas lá em baixo, em Plaza, um dólar chega; ótimo, o problema é que não tens um dólar, e além disso, meu cobardolas, mesmo que tivesses não irias, porque tiveste oportunidade de ir uma vez, em Denver, e não foste. Não, cobardolas, tiveste medo, e continuas com medo, e até estás contente por não teres um dólar.

Medo das mulheres! Ah, que grande escritor este! Como pode ele escrever sobre as mulheres, se nunca teve nenhuma? Ah, meu tratante de um raio, não é de admirar que não consigas escrever! Não é de admirar que não haja mulheres n' *O cãozinho riu*. Não é de admirar que não seja uma história de amor, seu idiota, seu garoto ranhoso.

Escrever uma história de amor, aprender umas coisas sobre a vida.

Chegou dinheiro pelo correio. Não era um cheque do poderoso Hackmuth, não era uma resposta afirmativa da *Atlantic Monthly* ou do *Saturday Evening Post*. Eram apenas dez dólares, uma fortuna. Foi a minha mãe que nos mandou: umas pequenas apólices de seguros, Arturo, resgatei-as pelo seu valor em dinheiro e aí tens a tua parte. Mas eram dez dólares; manuscrito por manuscrito, sempre se tinha vendido alguma coisa.

Mete o dinheiro no bolso, Arturo. Lava a cara, penteia o cabelo, põe um pouco de perfume enquanto te olhas ao espelho à procura de cabelos brancos; porque tu andas preocupado, Arturo, andas preocupado, e as preocupações fazem cabelos brancos. Mas não encontrei nenhum, nem um só cabelo branco. Sim, mas então o que se passa com esse teu olho esquerdo? Parece descolorido. Cuidado, Arturo Bandini: não esforces a vista, lembra-te do que aconteceu ao Tarkington, lembra-te do que aconteceu ao James Joyce.

Nada mal, especado no meio do quarto a falar com o retrato de Hackmuth, nada mal, Hackmuth, ainda lhe arranjo uma história à conta disto. Que tal estou, Hackmuth? Será que às vezes se interroga, Herr Hackmuth, sobre o meu aspeto? Será que se pergunta de vez em quando: será bem-parecido o tal Bandini, o autor daquele brilhante *O cãozinho riu?*

Certa vez, em Denver, houve uma noite como esta. Eu ainda não era escritor, mas estive num quarto semelhante a este, a fazer este tipo de planos, e foi um desastre, pois o tempo que passei naquele lugar, perdi-o a pensar na Virgem Santa e nos pecados da carne, e a esforçada rapariga abanou a cabeça, desalentada, e teve de desistir, mas isso acontecera há muito tempo e desta vez tudo seria diferente.

Saí pela janela e subi a encosta até ao cimo de Bunker Hill. Uma noite fragrante, um festim para o meu nariz, deleitado com o cheiro das estrelas, das flores, do deserto e do pó adormecido sobre a crista de Bunker Hill. A cidade estendia-se lá em baixo como uma árvore de Natal, vermelha, verde e azul. Olá, casas velhas, belos hambúrgueres a cantar nas grelhas dos cafés baratos, e o Bing Crosby a cantar também. Ela vai tratar-me com meiguice. Não há de ser como aquelas raparigas da minha infância, aquelas raparigas da minha adolescência, aquelas raparigas dos meus tempos de faculdade. Essas raparigas assustavam-me, eram tímidas, rejeitavam-me; mas a minha princesa há de ser diferente, há de saber compreender-me. Também ela foi desprezada.

Aí vai o Bandini pela rua fora; não é alto mas é robusto, tem orgulho nos seus músculos, cerra os punhos para admirar a rija alegria dos bíceps, é absurdamente desatento a este mundo de misteriosos prodígios. Os mortos ressuscitam? Os livros dizem que não, a noite grita que sim. Tenho vinte anos, cheguei à idade da razão, preparo-me para percorrer as ruas da cidade à procura de uma mulher. Terei a alma já manchada, será melhor voltar para trás, será que um anjo me protege, será que as preces da minha mãe me tranquilizam, será que as preces da minha mãe me aborrecem?

Dez dólares: o bastante para pagar duas semanas e meia de renda e comprar três pares de sapatos, dois pares de calças e mil selos postais para enviar material aos editores; ah, pois é! Mas tu não tens material nenhum, o teu talento é duvidoso, o teu talento é risível, não tens talento nenhum, pára de mentir a ti próprio, dia após dia, pois

sabes perfeitamente que *O cãozinho riu* não presta e nunca há de prestar.

E lá vais tu por Bunker Hill, ergues os punhos aos céus, e eu sei perfeitamente o que estás a pensar, Bandini. Os pensamentos do teu pai precedem-te, chicoteiam-te as costas, um fogo que te escalda o crânio e que te diz que a culpa não é tua; eis o que pensas: nasceste pobre, filho de camponeses depauperados, empurrado para aqui e para ali porque eras pobre, fugido do teu Colorado natal porque eras pobre, e agora erras pelas sarjetas de Los Angeles porque és pobre e esperas escrever um livro que te faça rico, pois aqueles que te odiavam no Colorado deixarão de te odiar se o escreveres. És um covarde, Bandini, traíste a tua alma, és um miserável e um mentiroso diante do teu Cristo em lágrimas. É por isso que escreves, é por isso que seria preferível que morresses.

Sim, é verdade: mas já vi casas em Bel-Air com relvados viçosos e piscinas verdes. Já desejei mulheres cujos sapatos valiam mais do que tudo o que possuo. Já vi tacos de golfe na montra da Spalding em Sixth Street que me dão fome de os agarrar. Sofri por uma gravata como um homem santo por uma indulgência. Admirei os chapéus da Robinson's com o mesmo assombro de um crítico de arte perante um Miguel Ângelo.

Desci as escadas de Angel's Flight em direção a Hill Street: cento e quarenta degraus, de punhos cerrados, sem temer nenhum homem, mas receoso do túnel de Third Street, receoso de o atravessar — claustrofobia. E receoso também dos sítios altos e do sangue e dos terremotos; tirando isso, totalmente destemido, se excluirmos o medo da morte, o medo de me pôr a gritar no meio de uma multidão, o medo da apendicite e até o medo das doenças

cardíacas, que por vezes me mantém no quarto a olhar para o relógio e a pressionar a veia jugular, a contar as pulsações, a ouvir o estranho zunido das minhas entranhas. Mas, tirando isso, sem medo nenhum.

Eis uma ideia que pode vir a dar dinheiro: estes degraus, a cidade estendida lá em baixo, as estrelas que parecem tão próximas: uma ideia do género «rapaz conhece rapariga», uma boa intriga, uma ideia capaz de render milhões. A rapariga vive naquele prédio cinzento, o rapaz é um vagabundo. O rapaz... sou eu. A rapariga passa fome. Uma menina rica de Pasadena que abomina o dinheiro. Que abandona voluntariamente os milhões de Pasadena porque está enfadada, cansada do dinheiro. Uma rapariga linda, deslumbrante. Uma grande história sobre um caso patológico. Uma rapariga com fobia do dinheiro: um tema freudiano. Um outro tipo está apaixonado por ela, um tipo rico. E eu sou pobre. Encontro-me com o meu rival. Espanco-o impiedosamente com a minha ironia cáustica, além de o desancar com os punhos. A rapariga, impressionada, fica caidinha por mim. Oferece-me milhões. Caso com ela sob a condição de permanecermos pobres. Ela aceita. Mas há um final feliz: a ardilosa rapariga surpreende-me com um enorme fundo fiduciário no dia do casamento. Fico indignado, mas perdoo-lhe, por amor. A ideia é boa, mas há um problema: é uma história da *Collier's*.

Querida mãe, obrigado pelos dez dólares. O meu agente informa-me da venda de outra história, desta vez a uma importante revista londrina, mas parece que eles não pagam antes da publicação, de modo que a sua notinha veio mesmo a calhar para fazer frente a uma série de pequenas despesas.

Na Los Angeles do tempo da Grande Depressão,  
encontramos uma personagem maior que a vida – Arturo  
Bandini –, vivendo à margem da cidade de todos os sonhos.

Este romance conta a história de um jovem descendente de italianos que parte à aventura, deixando uma pequena povoação no Colorado rumo à vibrante Los Angeles. Para sua desilusão, o que descobre à chegada é uma cidade mergulhada na pobreza opressiva da crise financeira.

Arturo Bandini não tem um tostão, mas teima no sonho de ser um grande escritor. Quando recebe uma bela maquia pela publicação de um conto, esbanja-a em roupas caras, bons restaurantes e bares de *strip-tease*. Os planos de grandeza começam a correr mal quando Bandini se envolve numa intensa e destrutiva relação amorosa com a mexicana Camilla Lopez, e também por força da dura realidade que nunca julgou vir a encontrar naquela grande cidade. Tudo o que parecia promissor acaba, afinal, de forma trágica.

*Pergunta ao pó* é uma obra inesquecível sobre as franjas de uma sociedade, sobre o lado negro de uma personagem que é o *alter ego* do seu autor, sobre sonhos desfeitos. John Fante, mestre da ficção americana do século XX, oferece ao leitor aquele que é considerado um dos melhores romances de sempre sobre esta época fervilhante.

Publicada originalmente nos anos 1930, a saga de Arturo Bandini – *A primavera há de chegar, Bandini; Estrada para Los Angeles; Pergunta ao pó; Sonhos de Bunker Hill* – é a grande obra de John Fante, nome incontornável da literatura americana, mentor de vultos como Charles Bukowski. Reeditada nos anos 1980, por recomendação de Bukowski, foi descoberta por uma nova geração de leitores, alcançando o estatuto de obra de culto. Não ler John Fante é ignorar uma página imperdível da literatura do século XX.



«Os romances de John Fante são do melhor que a literatura americana alguma vez produziu. Fante teve uma grande influência em mim.

Ele era o meu deus.» **Charles Bukowski**



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

penguinlivros.pt  
penguinlivros  
alfaguaraeditora

ISBN 9789897841941



9 789897 841941 >